

FEDERAÇÃO RUSSA & REFORMA MILITAR (2014-2022):

Análise dos resultados a partir da Guerra da Ucrânia

Pedro Henrique Miranda Gomes¹
Andre Luiz Varella Neves²

Resumo: O objetivo do trabalho foi descrever a variável teórica “reforma militar” enquanto política pública implementadas na Federação Russa no período de 2014 – 2022. O interesse foi saber se esta foi bem-sucedida tendo o parâmetro a invasão da Rússia no território da Ucrânia em 24 fevereiro de 2022. Os resultados demonstraram que a reforma consistiu em transformações e melhorias referentes ao efetivo, equipamento e administração cuja implementação mostrou-se adequada para preparar as forças para operações de pequena e média escala, como na Síria, Chechênia e Geórgia. A conclusão alcançada foi que ela não capacitou as forças russas para enfrentarem conflito de maior amplitude como a operação especial na Ucrânia.

Palavras Chave: Rússia, Reforma Militar, Política Pública de Defesa.

RUSSIAN FEDERATION & MILITARY REFORM (2014-2022): Analysis of results from the Ukrainian War

Abstract: The aim of this study was to describe the theoretical variable "military reform" as a public policy implemented in the Russian Federation between 2014 and 2022. The interest was to determine whether this reform was successful, taking into account the Russian invasion of Ukrainian territory on February 24, 2022 as a parameter. The results demonstrated that the reform consisted of transformations and improvements in personnel, equipment, and administration, and that its implementation was adequate for preparing the forces for small and medium-scale operations, such as those in Syria, Chechnya, and Georgia. The conclusion reached was that the reform did not adequately prepare the Russian forces to face a conflict of greater magnitude, such as the special operation in Ukraine.

Key Words: Russia, Military Reform, Defense Public Policy.

Introdução

A análise de políticas públicas tem muito a contribuir para os estudos de defesa, apesar de alguns desafios particulares encontrados nesta área do conhecimento, que envolvem, por exemplo a dificuldade de acesso a informações, tendo em vista às preocupações de segurança e interesses econômicos envolvidos (HOEFFLER, 2021). Desta forma, a análise criteriosa de conflitos armados na medida em que eles ocorrem auxiliam na análise de políticas públicas de defesa implementadas anteriormente, trazendo a observação empírica para contrastar com as aproximações teóricas possíveis realizadas até então. A invasão russa à Ucrânia abre tal possibilidade, e a sua análise pode trazer contribuições valiosas não apenas no sentido de mensurar as capacidades e o preparo de uma das principais potências militares do sistema internacional, mas também de indicar aspectos da tomada de decisão da Rússia, e das razões da guerra.

¹ Doutorando em Estudos Estratégicos no Programa de Pós-Graduação de Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST/UFF); Professor de Geopolítica e Metodologia do MBA em Estudos Estratégicos (UFF).

² Professor da Graduação em Relações Internacionais e do Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos, da Defesa e da Segurança (INEST /PPGEST /UFF).



1. Formação da agenda pública: contexto interno e externo

A formação da agenda pública que leva à tomada de decisão em torno das reformas, objeto deste estudo, leva em consideração quatro aspectos, a saber: 1) Paradigma Militar Contemporâneo; 2) O contexto estratégico da Eurásia; 3) Federação Russa – Governo Putin e; 4) Guerra da Geórgia: Problema e Alternativas.

1.1 Paradigma Militar Contemporâneo

Dois caminhos distintos pautaram o avanço do pensamento estratégico nas últimas décadas: por um lado, é dada ênfase à capacidade de combate as ameaças não-estatais transnacionais como grupos terroristas e de tráfico de ilícitos, que requerem capacidades não-convencionais da atuação das forças. Por outro, defende-se que avançamos em uma Revolução dos Assuntos Militares (RAM), tendo em vista a crescente necessidade de domínio por parte das forças de capacidades de comando, controle, computação e informação, aliados à vigilância (*surveillance*) (LONGO, 2007). Desta forma, após o fim da Guerra Fria, observa-se uma redução dos efetivos militares, aliado à sua maior qualificação e maior sofisticação dos equipamentos (KEEGAN, 2001; ALSINA JR., 2018).

Buscando combinar as duas tendências em um mesmo arcabouço teórico, Hoffman (2009) desenvolve o conceito de “Guerra Híbrida”, que é a confluência de várias formas de conflito, convencionais e irregulares. Segundo Hoffman (2009, p.3, tradução dos autores), “ameaças híbridas incorporam uma ampla gama de modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas que incluem violência e coerção indiscriminadas e desordem criminal”.

Este conceito possui graves limitações, na medida em que amplia o entendimento de "guerra" a tal ponto que arrisca perder sua operacionalidade. Ainda assim, será útil para o objetivo desta pesquisa, na medida em que traz a reflexão sobre a ampliação das capacidades de amplo espectro necessárias às forças contemporâneas, que são uma dimensão essencial da análise do poder militar russo."

1.2 O contexto estratégico da Eurásia

Terminada a Guerra Fria, as preocupações estratégicas de Moscou foram direcionadas a três frentes: (1) uma primária, de defesa frente ao “Ocidente”, liderado pelos EUA e pela OTAN, que avançou progressivamente em direção às suas fronteiras, chegando a implantar sistemas de defesa anti-mísseis balísticos na Polônia (MONGRENIER; THOM, 2016)³; (2) uma secundária, visando garantir o controle sobre sua antiga zona de influência direta, composta pelas ex-repúblicas soviéticas, com destaque à Ucrânia, de relevância

³ Com o progressivo aumento de tensões com o “Ocidente”, a Rússia se viu cada vez mais direcionada a uma aliança desigual e dependente da China.



simbólica para Moscou, tendo sido Kiev a origem de uma futura identidade eslava; (3) defesa de um status de superpotência, com capacidade de atuação a nível global.

Contudo, a partir da perspectiva russa, as três frentes possuem, como fio condutor a defesa frente à ameaça representada pelos EUA, sobretudo por meio de interferências em sua zona de influência e por meio da OTAN, que Moscou enxerga como um instrumento *de facto* da política externa estadunidense. Por esta razão, ainda que, na década de 90, o Kremlin dispusesse de uma política externa favorável à ordem e aos regimes internacionais do *status quo*, tendo em vista sua debilidade, buscou garantir sua segurança por meio da dissuasão nuclear, mantendo um alto número de armas nucleares não-estratégicas e abandonando sua cláusula de “não primeiro uso” (STEFF; KHOO, 2014).

Desde meados da década de 90, a crescente tendência unilateralista da política externa americana elevou progressivamente para Moscou a importância de sua dissuasão nuclear. Alguns dos elementos que podem ser citados são: (1) a intervenção da OTAN no Kosovo, sem a sanção do conselho de segurança da ONU; (2) o avanço para leste realizado pela OTAN a partir da adesão de países do leste europeu em três ondas (1999, 2004, 2009); (3) a saída dos EUA do tratado anti-mísseis balísticos (ABM) simultaneamente aos esforços de Bush pela criação de um sistema de defesa contra mísseis balísticos; (4) intervenção unilateral no Iraque e posteriormente na Líbia, além do apoio a grupos de oposição em países não-alinhados; (5) apoio e financiamento a grupos pró-ocidentais em países da assim entendida zona de influência russa, com destaque à Ucrânia.

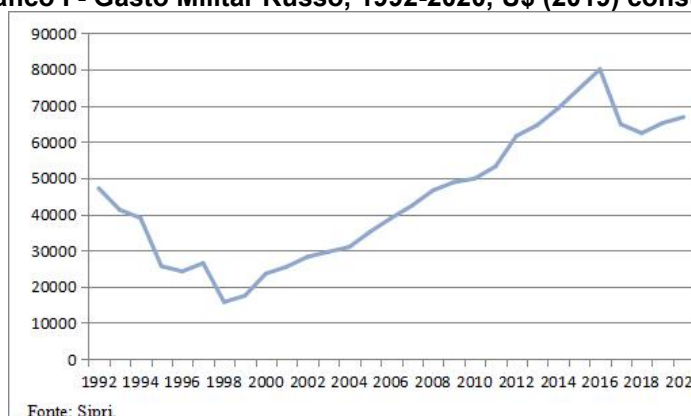
1.3 Federação Russa – Governo Putin

Desde o período de Yevgeny Primakov no posto de Primeiro Ministro russo (1998-1999) e, sobretudo, a partir da ascensão ao poder do atual presidente Vladimir Putin, uma série de medidas foram tomadas para aumentar a viabilidade política e econômica das reformas e da atuação militar russa para alcançar seus objetivos estratégicos.

Viabilidade Econômica: (1) políticas para recuperação da renda capturada pelos “oligarcas”; (2) reestatização de empresas de importância estratégica, com destaque ao setor petrolífero; (3) formação de uma holding estatal que unifica algumas empresas de equipamento militar, a Almaz-Antei. Graças à recuperação econômica russa a partir dos anos 2000, pôde-se verificar um aumento substancial dos gastos militares russos ainda antes das reformas, conforme demonstra o Gráfico I (GOMES, 2021).



Gráfico I - Gasto Militar Russo, 1992-2020, U\$ (2019) constante



Viabilidade Política: (1) centralização da comunicação militar, com a constituição de uma rede de informações e canais de notícias estatais, para permitir maior controle da narrativa em torno dos assuntos militares; (2) alterações da lei eleitoral que aumentaram as possibilidades de desqualificação de organizações que as autoridades considerem questionáveis (BALZER, 2004), reduziram a fragmentação partidária e permitiram a nomeação de 10% do Conselho da Federação (Senado) diretamente pelo presidente; (3) controle indireto sobre as principais redes midiáticas do país, subsidiárias de empresas estratégicas, ligadas ao presidente, como a Gazprom; (4) restrições ao direito de greve; (5) restrição à atuação política de organizações estrangeiras (GOMES, 2021).

1.4 Guerra da Geórgia: Problema e Alternativas

A Guerra da Geórgia, ainda que tenha sido vencida rapidamente, demonstrou uma série de vulnerabilidades por parte das Forças Armadas russas contra um adversário muito mais limitado. Neste conflito vieram à tona os seguintes problemas: (1) equipamento obsoleto, ainda que comparado com o georgiano; (2) pouca experiência de combate das forças; (3) deficiência na comunicação da linha de comando; (4) interoperacionalidade e comunicação das forças deficiente; (5) cadeia de comando pouco clara; (6) incapacidade de obter superioridade aérea⁴; (7) deficiência do uso de VANTs, prejudicando o reconhecimento; (8) deficiência de localização espacial⁵ e (9) baixa qualidade das tropas⁶ (PALIN; WESTERLUND, 2009; CSIS, 2018).

A percepção destes problemas, por sua vez, impulsiona iniciativas para a sua resolução, cuja direção varia amplamente de acordo com tendências internas à burocracia

⁴ 5 aeronaves russas foram derrubadas por forças georgianas, e houve ocorrência de um “fogo amigo”. As forças russas também não tinham nem o treinamento nem sistemas de armas necessários para ataques de alta precisão em situações de baixa visibilidade.

⁵ O sistema de geoposicionamento russo, GLONASS, não estava completamente operante, e as tropas em solo não tinham dispositivos receptores em número suficiente.

⁶ A baixa atratividade para militares por contrato (*kontraktniki*) fazia com que as tropas atuantes viessem em larga medida de regiões rurais, com baixo grau educacional e apresentassem condições precárias de saúde.

de cada Estado, bem como as relações estabelecidas entre estas e a sociedade. Por esta razão, a análise dos stakeholders⁷ se revela um instrumento importante na avaliação de políticas públicas, sobretudo na fase de definição da agenda pública. Contudo, esta se vê limitada no caso da Federação Russa, tendo em vista o caráter centralizador do regime de Vladimir Putin, particularmente em torno da temática de defesa. A indústria de armas russa, sendo um dos stakeholders relevantes, passa a receber um forte influxo de recursos em meio ao esforço para modernizar as Forças Armadas russas, que, se por um lado passam a se beneficiar das melhorias prometidas pelos novos investimentos, por outro, tendem a oferecer resistências às mudanças organizacionais realizadas em meio à reforma.

Pesa também na decisão entre as alternativas possíveis, para solucionar os problemas evidenciados na Guerra da Geórgia, alguns elementos da cultura estratégica russa, acentuada pela presidência de Putin. Neste tocante, Skak (2016) indica, em sua análise, a presença de uma tradição “checkista”⁸ nas lideranças russas. Os elementos que, segundo o autor, caracterizam esta cultura estratégica seriam (1) a obsessão com a segurança do regime; (2) a incompreensão de movimentos populares espontâneos; (3) a defesa de que a Rússia teria uma influência natural sobre sua zona de influência; (4) a mentalidade de que a Rússia seria uma fortaleza sitiada; (5) uma lógica de soma zero; que (6) leva as lideranças russas a um comportamento de escalada. Estas características, portanto, refletem na tomada de decisão das alternativas de reforma, na medida em que, a partir deles, a reforma direciona-se não ao preparo país para um esforço de guerra convencional ou nuclear (seguindo a lógica da escalada), mas também passar-se-ia a incorporar a preparação para atuação de natureza não convencional.

Este caminho para a reforma seria impulsionado também pelo entendimento do comandante do Estado-maior russo, Valery Gerasimov, de como seria a guerra no século XXI. Em publicações que ficaram conhecidas como “Doutrina Gerasimov”, o comandante defende que o conflito armado no século XXI passava a apagar a divisão entre “paz” e “guerra”. Seria composto por tropas altamente móveis, em ações de “não-contato” (à distância), com forte interoperacionalidade entre agências, com o uso de armas de precisão, operações especiais, robótica e participação de componentes civis-militares, envolvendo inclusive medidas abertamente não-militares, como medidas políticas, econômicas, humanitárias, informacionais e outras (GERASIMOV, 2013).

⁷ O termo “*Stakeholders*” refere-se ao conjunto de atores cujos interesses estão envolvidos no problema que motivou a intervenção pública.

⁸ Checkista: é a denominação atribuída a antigos e atuais funcionários das agências de inteligência russa (vide a KGB, a FSB ou a SVR). Eles são a elite dos *siloviki*. Um segmento mais abrangente de agentes da segurança e da ordem, que influenciam nos interesses nacionais por meio das diretrizes de segurança formuladas no Conselho de Segurança russo. (STAHL, 2022).



Partindo, portanto, deste entendimento do contexto estratégico, e considerando os objetivos principais das forças russas, conforme explicitado anteriormente, surgem algumas alternativas:

1 - Para fazer frente ao Ocidente será necessário atender três pontos:

(1) Equiparação à capacidade convencional, com ênfase na qualificação do poder terrestre e aéreo⁹;

(2) Desenvolver a capacidade de dissuasão nuclear¹⁰;

(3) Estimular o desenvolvimento de capacidades “híbridas”, de modo a intervir em países vizinhos e pressioná-los contra a adesão e alinhamento à OTAN¹¹.

2 - Sobre o controle sobre zona de influência, temos dois cenários com suas especificidades sendo:

(a) cenário brando – manutenção e desenvolvimento das capacidades “híbridas”;

(b) cenário duro – aumentar as capacidades convencionais, ênfase no poder terrestre e aéreo.

3 - Para o aumento da projeção global é necessário a modernização das capacidades convencionais, ênfase na qualificação do poder marítimo e aéreo.

2. Implementação da Reforma e a Experiência na Ucrânia

Uma vez tendo sido listadas as alternativas disponíveis, a saída escolhida pela Rússia parece ter seguido um equilíbrio entre o desenvolvimento militar convencional, com ênfase às capacidades aéreas¹², ao mesmo tempo que aperfeiçoava seu poder de dissuasão nuclear (por meio da alteração da doutrina e desenvolvimento de mísseis hiperssônicos) e desenvolvia capacidades “híbridas”.

Sendo assim, para a realização da reforma a fim de, atender este equilíbrio foi estabelecido quatro mudanças na estrutura militar, a saber:

Efetivo: (1) redução do efetivo; (2) redução da porcentagem de oficiais; (3) adoção de unidades menores, mais móveis; (4) redução da porcentagem de profissionais¹³ (*kontraktniki*); (5) concentração dos *kontraktniki* na força aérea; aumento do período de exercícios militares; implementação de contratos para treinos de conscritos.

⁹ Esta é a alternativa mais custosa, tendo-se em vista a discrepância de capacidades e nível de equiparação entre as limitadas forças russas e da OTAN.

¹⁰ Esta alternativa parece ser a de melhor custo-benefício, na medida em que garante a dissuasão contra forças hostis sem requerer investimentos e transformações estruturais em suas forças

¹¹ Esta alternativa tem eficácia limitada, na medida em que seu alcance não é imediato, nem replicável em qualquer contexto.

¹² Enquanto as forças terrestres não foram a ênfase da reforma, destacam-se as mudanças mais pronunciadas na artilharia, com a adoção de maior poder de fogo e munição inteligente.

¹³ O objetivo era redução de custos ao reduzir profissionais. Ao final, tendo em vista o *pool* limitado para completar o efetivo com conscritos, não foi possível reduzir a participação de profissionais.



Tabela I : Mudanças na Estrutura de Efetivo Militar

	Year 2008	Year 2017
Conscripts	450,000	276,000
Contract Soldiers	180,000	384,000
Warrant Officers	142,000	55,000
Officers	355,000	217,000
Max Number (planned)	1,130,000	1,013,628

Fonte: (CSIS, 2018).

- 1. Comunicação, Comando, Controle e Reconhecimento:** (1) Implementação de um Centro Conjunto de Gestão da Defesa Nacional, de alta tecnologia; (2) modernização do equipamento de comunicação¹⁴; (3) implementação da produção em massa de VANTs e a sua incorporação a brigadas ou regimentos de tanques.
- 2. Equipamentos:** Desenvolvimento de novos caças; Desenvolvimento de novos mísseis balísticos e implementação de bombas guiadas, mísseis de cruzeiro e de mísseis hiperssônicos¹⁵; implementação de sistemas de defesa aérea S-400; ativação de satélites em órbita, para reconhecimento e comunicação; implementação de navios de pequeno porte.
- 3. Administração:** (1) as Forças Aéreas russas, a aviação de helicópteros do exército, a defesa aérea de longa-distância e forças espaciais foram combinadas para formar as novas Forças Aeroespaciais Russas (VKS)¹⁶; aumento dos gastos com treinamento e exercícios, incluindo maior tempo e maior gasto com munição e combustível (CSIS, 2018).

Ao fim e ao cabo, o rumo geral da reestruturação do *apparatus* militar foi a de redução dos efetivos, tornando as forças russas mais móveis, experientes e capacitadas tecnologicamente. O caminho tomado parece indicar adesão à Doutrina Gerasimov, cujo teor preconizava a capacidade de intervenção militar com alta tecnologia e uso de recursos de longa distância (permitindo a redução da exposição). Desta feita, permitia ações híbridas integradas, realizadas por tropas de elite para obter resultados com baixo custo de mobilização e envolvimento direto.

¹⁴ Foram implementados sistemas de comunicação codificada que permite a comunicação individual com tropas de elite no terreno, além da comunicação destes com a artilharia e a aviação.

¹⁵ No que diz respeito às munições de precisão, destaca-se a substituição dos antigos mísseis balísticos de curto alcance *Tochka-U* usados na Geórgia, de um alcance de apenas 120 km, pelo Iskander-M, com um alcance de até 500 km, melhor precisão e o dobro da capacidade de mísseis prontos para lançamento por brigada. Foi desenvolvido também o Iskander-K, míssil de cruzeiro baseado em solo com uma ogiva mais pesada e poderosa, mas com alcance inferior a 500 km (CSIS, 2018). Finalmente, foi desenvolvido, também o míssil hipersônico ar-terra de capacidade nuclear Kinzhal, com um alcance de até 2000 km e uma velocidade de até mach 10 (CSIS 2022).

¹⁶ Do russo, *Vosdushno-Kosmicheskie Sily - Воздушно-Космические Силы*.

2.1 Chechênia; Criméia e Síria

Na década de 90, os esforços de Moscou foram no sentido de garantir a integridade territorial e a influência sobre a zona das ex-repúblicas soviéticas. Desta forma, os movimentos militares russos resumiram-se às guerras na Chechênia e ao envio de missões de paz, que serviram como instrumento de pressão política, mais notoriamente no caso da Geórgia. Na ocasião o envio de tropas para estabilizar o conflito com as regiões separatistas georgianas foi realizado mediante à entrada desta na Comunidade dos Estados Independentes, (CEI). Através deste bloco político e econômico, Moscou buscou fortalecer para sedimentar sua liderança sobre as ex-repúblicas soviéticas (YAKEMTCHOUK, 2008).

Nas décadas de 2000 e 2010, em um contexto de crescente polarização com o Ocidente, e em particular com os EUA, a Rússia adotou uma postura que pode ser entendida como baseada na redução de custos em meio ao emprego da força.

Em 2008, Geórgia e Ucrânia têm o início dos seus processos de adesão à OTAN aprovados pelas lideranças da organização (OTAN, 2008). No mesmo ano, Tbilisi inicia uma campanha para recuperar suas regiões separatistas, onde haviam tropas russas estacionadas. Havia, portanto, uma motivação imediata (campanha da Geórgia sobre os territórios separatistas) quanto uma, mais relevante e subjacente (processo de adesão à OTAN), que motivou a Rússia a iniciar uma guerra.

Apesar de seu mal desempenho militar, as Forças Armadas russas demonstraram não apenas a adesão a novos instrumentos em meio à campanha militar, como ataques cibernéticos, mas também a capacidade de restringir o uso da força de modo a ater-se ao objetivo estratégico. Desta forma, os russos não apenas evitaram atingir o gasoduto BTC em seus bombardeios (ainda que tivessem bombardeado em torno dele, demonstrando a capacidade de destruí-lo), mas também se esquivaram de realizar ataques cibernéticos diretamente contra a infraestrutura vital georgiana (GOMES; ALVES, 2017)

Em 2014, o Presidente ucraniano Viktor Yanukovich¹⁷, de viés pró Rússia foi deposto por uma série de manifestações populares fruto de interferência do Ocidente. Como represália, a Rússia estimula revoltas no leste ucraniano e envia tropas de operações especiais, *spetsnaz*, e consegue anexar a Criméia sem recorrer ao uso direto de força. Os *spetsnaz*, que ficaram conhecidos como “pequenos homens verdes” tomaram controle de posições estratégicas e infraestrutura na península, seguidos por tropas russas sem insígnias. Capturam o parlamento da Criméia, onde elegem um governo local pró-russo que vota a sua autonomia e adesão à Federação Russa. O feito é realizado graças às condições objetivas da Ucrânia, com quem o país eslavo tem fortes ligações com a Rússia e com uma

¹⁷ A razão da derrubada do governo de Yanukovich era fundamental para que os Estados Unidos atingissem o principal objetivo estratégico, que foi impedir que a Rússia recuperasse a influência na Ucrânia e desta forma atingir o *imperial status*.(BRZEZINSKI, 1997).



grande população de russos étnicos vivendo em território ucraniano (APETROE, 2016; MONGRENIER; THOM, 2016).

A anexação da Criméia e o posterior apoio às autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk, foi empreendida uma forte campanha informacional, com as tropas de operações especiais tomando controle de transmissoras de televisão, de modo a veicular uma narrativa pró-russa, o que foi acompanhado pela contratação de blogueiros e comentaristas para promover comentários pró-Kremlin no ambiente virtual (JONSSON; SEELY, 2015).

De forma similar, com grande cobertura da mídia de rua, um comboio foi enviado ao Dombass sob a alegação de enviar ajuda humanitária, mas que na realidade carregava equipamento militar aos separatistas. (VELJOVSKI; DOJCHINOVSKI, 2017). Contudo, a partir de 2015, a Rússia passa a adotar táticas mais convencionais, tais como bombardear as posições das forças ucranianas com disparos através das fronteiras e enviando “voluntários” para fortalecer as fileiras dos separatistas (APETROE, 2016).

Quanto a intervenção da Rússia na guerra civil da Síria, iniciada em setembro de 2015, foi uma operação militar inicialmente baseado em táticas de não-contato, através de bombardeiros, caças e helicópteros. Em relação a Marinha, a ação consistiu no lançamento de mísseis de cruzeiro, alguns de uma distância de mais de 1500 km, a partir dos mares Mediterrâneo e Cáspio (CSIS, 2018). Após esta primeira fase, a guerra de não-contato migrou para o conflito urbano, através de forças especiais e mercenários do grupo Wagner¹⁸. Tendo em vista a desvantagem frente aos adversários quanto ao conhecimento do terreno, a solução adotada foi a de atacar vulnerabilidades e infraestrutura crítica no terreno (urbano), gerando caos, desestabilizando o inimigo e criando corredores humanitários para a evacuação da população civil, de modo a liberar o terreno para o conflito (BERZINS, 2020). As táticas empregadas reduzem o custo da ofensiva, minimizando a perda de tropas e relegando a ação no terreno a mercenários.

2.2 A Guerra Russo-Ucraniana: três fases

Antes da deflagração da invasão das tropas russas ao território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, durante meses foi observado o aumento de tensões na fronteira entre os dois países. Estimativas estadunidenses apontam que, anteriormente à invasão, os russos haviam mobilizado entre 150 e 190 tropas na fronteira (BOWEN, 2022) e realizaram exercícios militares em conjunto com a Bielorrússia (NDTV, 2022). Nesta fase pré-guerra,

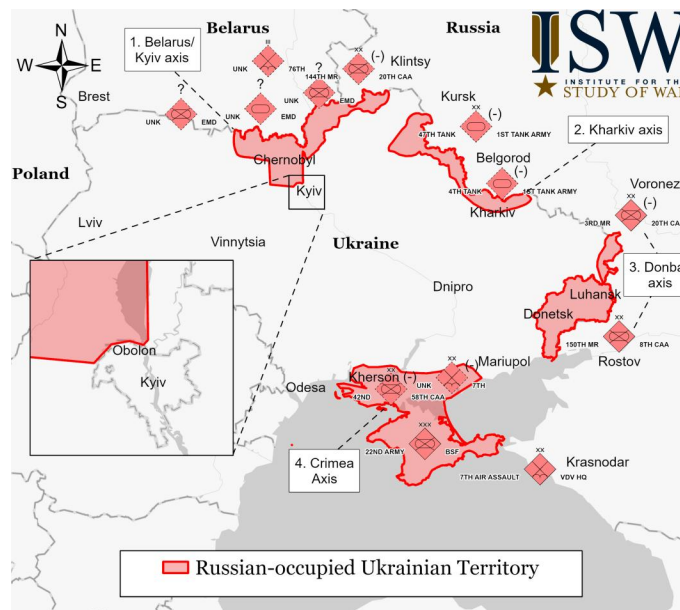
¹⁸ Wagner Group: é uma empresa de segurança privada com conexões com o governo russo, conhecida por enviar mercenários para operações militares no exterior. É associada a ações controversas e é considerada uma ferramenta do Kremlin para avançar seus interesses no exterior sem assumir diretamente a responsabilidade pelas ações.



Moscou nega a intenção de uma invasão, enquanto busca garantias legais de que a Ucrânia nunca poderia fazer parte da OTAN (NDTV, 2022).

Após meses de aumentos na tensão, a invasão tem início, após o reconhecimento da independência das regiões separatistas pró-Moscou de Donetsk e Lugansk. O conflito se divide, então, em três fases subsequentes ao longo do ano de 2022: uma primeira fase, de ofensiva russa, uma segunda, de reorganização da ofensiva para a frente leste, e uma terceira, de contraofensivas ucranianas.

Mapa I – Frentes da Invasão Russa à Ucrânia (25 de fevereiro)



Fonte: Institute for the Study of War.

Primeira fase. O governo russo anuncia o início de uma “operação militar especial” com objetivo de “desmilitarização e desnazificação” da Ucrânia, iniciando, então a ação militar conjunta por terra, água e ar (BBC, 2022). A entrada de tropas foi precedida por ataques aéreos, com o uso de munições guiadas de precisão contra alvos-chave, incluindo centros de logística, instalações militares, centros de comando-e-controle, defesas antiaéreas e infraestrutura crítica¹⁹, possivelmente com o objetivo de ganhar superioridade aérea (BOWEN, 2022). Inicialmente, a invasão russa foi dividida em quatro diferentes frentes: uma frente sul saindo do território da Criméia em direção a Kherson; uma vindo das recém-reconhecidas autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk; uma saindo da

¹⁹ Nos estágios iniciais do ataque, o Pentágono estimou que a Rússia havia lançado mais de 100 Mísseis Balísticos de Curto Alcance, incluindo o Iskander M SRBM, além de mísseis de cruzeiro lançados do ar e de terra (BOWEN, 2022). Ao longo das semanas seguintes, Moscou seguiria recorrendo a mísseis para danificar infraestrutura ucraniana, chegando a utilizar mísseis hipersônicos Kinzhal pela primeira vez em um cenário de conflito real (ALJAZEERA, 2022).

região de Kursk e Belgorod em direção às cidades de Kharkiv e Sumy; e a principal frente, saindo do território bielorrusso em direção a Kiev²⁰ (Figura 1).

Segunda fase. Tem início no dia 25 de Março, quando o Estado-Maior russo emite um relatório afirmando que os principais objetivos da primeira fase da operação haviam sido alcançados, e que então as tropas russas iriam se concentrar em seu “objetivo principal”, que seria de capturar os oblasts de Donetsk e Lugansk (CLARK; KAGAN; BARROS, 2022). A partir deste momento, as tropas em Kiev passariam a ser retiradas e redirecionadas à região oriental da Ucrânia, incluindo o Dombass. Conforme a guerra foi sendo estendida, foi progressivamente aumentado o apoio militar e financeiro dos países ocidentais à Ucrânia, com destaque aos EUA, que, desde o início da “operação militar especial”, transferiu mais de U\$ 10 bilhões em itens de defesa, incluindo 20 lançadores de foguete de alta mobilidade HIMARS²¹ (ARABIA; BOWEN; WELT, 2022).

Terceira fase. Finalmente, a terceira fase se inicia em agosto, quando os avanços russos se encerram e as forças ucranianas passam a preparar uma transição de operações defensivas para ofensivas, na medida em que parece haver uma “inversão dos opostos” (LUTTWAK, 2003). Ou seja, as tropas russas avançaram sobre o território ucraniano a um custo progressivamente maior de manutenção de sua campanha, enquanto os ucranianos passam a se fortalecer pelo apoio internacional recebido. Ataques utilizando táticas de guerrilha passam a ser empregados contra autoridades russas em regiões controladas por Moscou através de Forças de Operações Especiais Ucranianas.

Tiveram auxílio de apoiadores locais, drones e ataques de mísseis, o que desestabilizou o controle russo sobre a região, e levou o país invasor a utilizar mais tropas para missões de contrainsurgência e segurança interna. Em seguida, foram realizadas contraofensivas nas regiões de Kherson e Kharkiv²² (BOWEN, 2022), que passaram a reduzir a área de ganhos russos, conforme o Mapa II.

²⁰ Na ofensiva de Kiev, um objetivo inicial foi a tomada de controle do Aeroporto Internacional Antonov, em Hostomel, o qual especialistas defendem que Moscou buscava utilizar para enviar mais tropas diretamente por via aérea. A tentativa, contudo, não foi bem-sucedida, de modo que os ucranianos resistiram e danificaram a pista de pouso para torná-la inutilizável, obtendo como resultado baixas russas importantes e a derrubada de vários helicópteros (BOWEN, 2022; CLARK; BARROS; STEPANENKO, 2022).

²¹ O sistema HIMARS é o acrônimo de “High Mobility Artillery Rocket System HIMARS”. Consiste em um sistema de foguetes multi-lançamento montado em um Veículo Tático Médio, dispara uma variedade de foguetes capazes de orientação por satélite com alcances entre 70 e 499 quilômetros. (THE NEW YORK TIMES, 2023); (THE STIMSON CENTER, 2022).

²² Como ações preparativas à contraofensiva em Kherson, as forças ucranianas conduziram ataques entre Kherson e Criméia de modo a impactar a capacidade russa de ressurgimento de tropas na região. Nesta operação, os ucranianos teriam lançado mais de 400 mísseis através do sistema HIMARS até 8 de setembro (BOWEN, 2022).



Mapa II – Controle de Territórios na Ucrânia - 26 de novembro 2022



3. Reformas: Avaliação e Alcance

Tendo em vista a dificuldade para obtenção de dados exatos a respeito de equipamentos, efetivos e baixas em meio a conflitos que ainda se desenrolam, foi dada preferência a critérios qualitativos, que não permitem a mensuração da efetividade das ações russas no conflito contra a Ucrânia, mas auxiliam a traçar tendências gerais que, permitem a constatação do sucesso ou falha da reforma empreendida por Moscou.

Ao longo de mais de uma década de reformas, o caminho tomado pelas Forças Armadas russas foi a de redução de seu tamanho, de modo que conta hoje com menor número de tropas de carros de combate, aeronaves, navios e munição, sendo dada ênfase, desde então, em ganhos de eficiência, preparo das forças e modernização de seu equipamento.

Para que possamos mensurar o alcance dessas reformas, portanto, os critérios escolhidos para a avaliação, tem como base, as fragilidades apresentadas anteriormente na Guerra da Geórgia.

Dividimos em cinco indicadores para estabelecer uma métrica qualitativa, como segue: 1) Grau de modernização do equipamento militar, incluindo de comando-e-controle; 2) Prontidão das forças; 3) Avaliação da Logística; 4) Definição da cadeia de comando; 5) Avaliação da capacidade de obtenção de superioridade aérea.

Sendo assim, os resultados alcançados foram:

I - Grau de modernização do equipamento militar:

Desde a campanha contra a Geórgia, Moscou conseguiu efetivamente aperfeiçoar seu equipamento, sobretudo no setor aeroespacial, que foi aquele que recebeu maior

financiamento, e pôde comprar novas aeronaves, ao invés de simplesmente reformar as já existentes (CSIS, 2018). A tabela abaixo demonstra o impacto deste investimento no período de 2008 a 2017.

Enquanto em 2008, no embate com a Geórgia foram utilizadas bombas “burras”, a campanha na Ucrânia recorreu a munições guiadas de precisão e mesmo ao uso de mísseis hiperssônicos. Estes, para além da função tática no terreno, tem também função dissuasória, na medida em que representam grave ameaça a nível estratégico, devido à possibilidade de carregarem orgivas nucleares. Contudo, conforme o conflito se estendeu, os russos passaram a utilizar mais bombas não-guiadas (BOWEN, 2022), indicando, por um lado, insuficiência do arsenal e, por outro, que a guerra foi iniciada sem que houvesse expectativa de uma duração tão longa. Sendo bombas não-guiadas o principal tipo de armamento da aviação russa (LAVROV, 2018), o seu uso pode acarretar em maiores perdas de aeronaves. Além disso, a precisão mesmo das bombas guiadas foi mediana, com uma taxa de falhas diárias de até 60% em alguns tipos (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022).

Tabela – Novas Aeronaves de Combate por Ano

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
MiG-29SMT		28						3	11	
MiG-29UBT		6						2		
MiG-29K						2	8	10		
MiG-29KUB						2	2			
Su-27SM3			4	8						
Su-30M2			2	2		3	8	3	2	
Su-30SM					2	14	21	27	17	17
Su-34	1	2	4	6	10	14	18	18	16	16
Su-35S					2	8	24	12	12	10
Yak-130		3	6	3	15	18	20	14	10	6
Total	1	39	16	19	29	61	101	90	69	49

Fonte: CSIS (2018).

No Exército, não houve uma melhora substancial do equipamento, devido ao seu tamanho e a consequente dificuldade de mudanças de larga escala. Como resultado, em 2017, apenas 42% do equipamento era novo ou modernizado (LAVROV, 2018). Desta forma, há um déficit de soldados com kits modernos, e muitos foram presos ou achados mortos com equipamento pessoal da era soviética, sobretudo em unidades do Distrito Militar do Leste, que também utilizava tanques que se acreditava que haviam sido tirados de serviço. Desta forma, os tanques russos mostraram-se vulneráveis não apenas ao fogo de aeronaves e outros tanques, mas também equipamento anti-tanque de infantaria (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022).

A comunicação seguiu sendo um problema central das forças russas, com as forças precisando sair de suas coberturas ou utilizar telefones celulares. Esta dificuldade pode ser

uma das razões para a alta taxa de baixas de autoridades de alto escalão (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022; BOWEN, 2022).

II - Prontidão das Forças

A avaliação do nível de prontidão de forças depende do referencial adotado pelos objetivos da política de defesa. Para operações de pequena e média escalas, a reforma surtiu resultados positivos. Houve um aumento dos efetivos por contrato, o que significou aumento da qualificação e capacitação dessas tropas. Para o fim de utilização de operações especiais ou tomada de operações que utilizariam intensivamente a VKS²³, poder-se-ia utilizar apenas *kontratniki*, como foi o caso, respectivamente, na Criméia e na Síria, onde não foram utilizados civis. Contudo, os efetivos russos não são suficientes para operações convencionais de larga escala como ocorre na Ucrânia, o que fica claro pelo uso de “dezenas de milhares de conscritos” já na mobilização pré-guerra e na necessidade de Putin de declarar uma “mobilização parcial” de reservistas em 21 de setembro (HIRD, et al., 2022). Foi observada uma carência na disponibilidade de reforços disponíveis por parte da Rússia. A mudança na definição do objetivo principal por Moscou em 25 de março não deve, portanto, ser entendido como um passo atrás da Rússia em suas ambições na Ucrânia, mas sim a incapacidade russa de gerar suficiente força de combate e a necessidade de descansar e reabastecer a maior parte de suas tropas de maior prontidão e capacidade de combate (BOWEN, 2022; CLARK; KAGAN; BARROS, 2022).

A insuficiência de soldados profissionais para uma operação em larga escala resultou nos relatos de soldados pouco preparados abandonando veículos (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022) e outros que não sabiam até o último momento que eles invadiriam a Ucrânia. O profissionalismo e experiência mesmo das tropas de elite se mostrou menor que o esperado, com unidades de elite da VKS, spetsnaz e de reconhecimento conduzindo operações que não estavam treinados ou equipados para realizar, como avançar em terreno urbano sem o necessário apoio de blindados. Por outro lado, foi observado o avanço de unidades mecanizadas sem a proteção de infantaria (BOWEN, 2022), o que pode ter acarretado no alto número de tanques perdidos para sistemas anti-tanques de uso individual.

III - Avaliação da Logística

Fragilidades logísticas estão entre as razões da interrupção dos avanços russos. Foi observado que as unidades apresentavam problemas de suprimento, com relatos de alimentos vencidos, unidades avançando além da capacidade de ressuprimento, faltas de combustível e alimento. Esta dificuldade se mostrou particularmente presente na frente norte, vinda da Bielorrússia. Enquanto analistas apontaram que o avanço russo no sul foram bem-

²³ VKS: É a força resultante da combinação de demais forças "airborne".



sucedidos em parte devido ao melhor apoio logístico de outras unidades, devido à conexão de trilhos até a Criméia, no norte, principal objetivo da primeira fase da guerra, se deu majoritariamente por rodovias, que são mais fáceis de serem bloqueadas. Esta situação foi ilustrada no engarrafamento de 64 km do comboio russo, que ficou estagnado por quase duas semanas ao norte de Kiev.

Soma-se a isto que os carros de combate conseguem prosseguir ao redor das rodovias, onde o terreno não for muito acidentado, enquanto caminhões de suprimentos não podem fazer o mesmo. Finalmente, a priorização dos ataques ucranianos às linhas de logística russa se traduziram em dificuldades ainda maiores (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022; BOWEN, 2022).

IV - Definição da Cadeia de Controle

A operação russa demonstrou dificuldades na cadeia de comando e controle, que foram dirimidas ao longo do conflito. Inicialmente, relatórios indicavam não haver o comandante operacional geral no lado russo, de modo que aparentava que cada Exército de Armas Combinadas²⁴ (CAA) e eixo de avanço operava de maneira independente, com níveis questionáveis de coordenação. A mesma falta de coordenação foi observada entre agências, como entre a VKS e a *Rosgvardia*²⁵ (DALSJÖ; JONSSON; NORBERG, 2022; BOWEN, 2022).

Em abril, Alexander Dvornikov, comandante do Distrito Militar do Sul, assumiu o comando operacional da operação russa. Em junho, relatórios indicaram que ele havia sido substituído pelo general Zhidko, então responsável pela Principal Direção Político-Militar das Forças Armadas Russas. Em agosto, quatro dos cinco comandantes de distritos militares, da VKS, da frota do mar Negro foram substituídos, e sendo reorganizados em dois agrupamentos, ocidental e sul. O General Sergei Surovkin, comandante da VKS, parece ter tomado o controle do agrupamento sul de Zhidko, e o Coronel General Aleksander Lapin, comandante do Distrito Militar Central, por sua vez, controla o agrupamento ocidental. A gestão conjunta desses dois agrupamentos é realizada pelo Centro de Gestão de Defesa Nacional, em Moscou, e tem sido mais bem sucedida do que no início da invasão (BOWEN, 2022).

V - Capacidade de Obtenção de Superioridade Aérea

Apesar do uso intensivo de bombardeios com munição de precisão nos primeiros momentos da invasão, ao contrário do que se esperava, não foi alcançada superioridade aérea, sobretudo devido à hesitação das forças russas. O bombardeio inicial foi mais limitado em escala e duração do que o esperado. As forças aeroespaciais não foram

²⁴ Agrupamento do Exército terrestre russo composto por BTG's, cuja natureza é de operações de armas combinadas.

²⁵ A *Rosgvardia* é a guarda nacional russa, uma agência que responde diretamente ao presidente.



capazes de conduzir supressão das defesas antiaéreas ucranianas, seja por incapacidade, seja pela decisão de não agir e evitar aproximações que tornassem as aeronaves mais vulneráveis. Para evitar serem abatidos, recorreram a operações noturnas, ou utilizaram mísseis de cruzeiro lançados de bombardeiros em território russo, que foram menos precisos e efetivos na destruição da infraestrutura ucraniana. Ainda assim, a perda de aeronaves foi alta, graças às defesas antiaéreas ucranianas. Como resultado, a Força Aérea ucraniana seguiu operando na Ucrânia ocidental, contestando a superioridade aérea russa ao longo da guerra e derrubando um alto número de aeronaves de Moscou. Da mesma forma, não houve apoio efetivo às tropas no solo, o que permitiu que o lado ucraniano reduzisse os avanços russos (BOWEN, 2022; CLARK; KAGAN; BARROS, 2022).

Considerações finais

Os resultados apontam que, enquanto os avanços realizados pelas Forças Armadas Rússia na guerra da Geórgia foram relevantes, na operação na Ucrânia tiveram um efeito limitado. A ação militar esteve aquém dos objetivos estabelecidos pelos tomadores de decisão, de modo que a reforma implementada não se mostrou adequada para um conflito militar de larga escala. Houve, portanto, um descolamento entre os formuladores e implementadores da política pública de defesa e os decisores da política externa.

Foi observada uma redução do efetivo militar e um aprimoramento da sua capacitação, com o aumento da participação do efetivo por contratos (*kontratniki*), aumento da quantidade e qualidade dos exercícios militares e treinamento, melhoria do equipamento, aperfeiçoamento da cadeia de comando-e-controle e das comunicações. Contudo, a quantidade do efetivo realmente preparado e capacitado para ações expedicionárias, ainda que superior ao conflito na Geórgia em 2008, só poderia obter sucesso em atuar em operações de pequena a média escala. Lembramos, por exemplo, a intervenção russa na Síria, onde a opção de conflito minimizava riscos, sendo de não-contato e avanços no terreno com tropas mercenárias. A especificidade deste conflito estava no fato de que a operação era realizada contra um país que estava isolado internacionalmente, sem apoio militar advindo das grandes potências. Em outras palavras, sem acesso a equipamentos militares como os sistemas antiaéreos efetivos e equipamento antitanque. Este cenário é diametralmente oposto ao que se encontrou na Ucrânia, pois lá eles estavam presentes e foram essenciais para retardar a penetração da Rússia.

Um aspecto importante a observar está no fato de que ao optar por uma invasão convencional em larga escala da Ucrânia, a Rússia rompeu com o que havia sido um comportamento contínuo de sua política externa desde o fim da Guerra Fria, que foi concentrar-se em intervenções de baixo custo. Isto se refletiu na decisão de fortalecer a sua dissuasão nuclear estratégica, sobretudo na década de 90, e no desenvolvimento de um



amplo espectro de capacidades militares e extra-militares que tendem a reduzir a exposição das forças russas. Este último aspecto podemos traduzir os seguintes pontos: 1) uso de ataques cibernéticos, 2) utilização da *commodity* do gás natural, como meio de pressão política e econômica 3) aplicação do conflito de não-contato com mísseis de alta precisão, 4) instituição de contrato com tropas mercenárias e de operações especiais, por último, 5) com o financiamento e apoio material a grupos separatistas em regiões de interesse.

Este quadro acima, revela a tendência geral para a qual as forças russas estavam preparadas, inclusive para o conflito “frio” contra a Ucrânia. Desde 2014, Moscou foi capaz de obter seu objetivo estratégico de manter o país vizinho fora da OTAN, através de ações de baixo custo, tendo inclusive anexado a Criméia com o uso apenas de tropas de operações especiais, e criando um conflito congelado no leste ucraniano ao financiar e equipar regiões separatistas. Neste período, o apoio militar do Ocidente à Ucrânia foi limitado, assim como o custo político para Moscou.

Entretanto, a invasão da Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022 alterou este cenário, pois o evento aumentou sobejamente o custo político e econômico para Moscou. A reboque descobriu-se as grandes limitações das Forças Armadas russas, para enfrentar um evento de larga escala. Neste aspecto o Exército foi a força que menos beneficiou-se das reformas devido as dificuldades para sua modernização. Sendo esta a força de uso mais extensivo em um conflito de larga escala, a sua negligência acaba por ter um peso substancial sobre a campanha como um todo.

Com base nas evidências apresentadas neste estudo, destacamos que, tendo-se tomado a decisão pela invasão sem que a reforma estivesse completa ou sem que as capacidades para campanhas de larga escala tivessem sido desenvolvidas, o fator que parece melhor explicar esta inflexão da política externa é a ocorrência de um erro de cálculo. em relação às reais capacidades de imposição de força das tropas russas, de resistência das forças ucranianas e do escopo do apoio do ocidente ao país invadido. Corrobora esta tendência a decisão da abertura de 4 frentes de combate simultâneas e a subsequente reorganização do esforço de guerra para o leste, o que indica que havia uma perspectiva de vitória rápida que não foi alcançada.

Concluimos, portanto, que a reforma militar empreendida foi uma política pública adequada para uma dada configuração da política externa do país, na medida em que fortalece a capacidade de obtenção dos três principais objetivos da política externa russa: (1) defesa frente ao Ocidente, através da melhoria da dissuasão nuclear, sobretudo a partir do desenvolvimento de mísseis hiperssônicos, mas também mísseis balísticos e de cruzeiro de maior precisão e de capacidade nuclear; (2) controle sobre a zona de influência, ainda que limitado, uma vez que a implementação de um cenário brando de intervenção indireta na Ucrânia vinha garantindo que o país não tivesse um apoio massivo do ocidente e que o país



não entrasse na OTAN; (3) e uma moderada capacidade de projeção global, como ficou demonstrado na Síria, com a participação da Marinha e das Forças Aeroespaciais Russas, ainda que mais avanços na Marinha russa seriam necessários para obter este terceiro objetivo.

No caso da escolha da política externa pelo cenário duro, de intervenção ampla e direta na Ucrânia, conforme é observado na invasão, haveria a necessidade de rebalancear a distribuição de investimentos, de modo a melhor capacitar o Exército. Ainda assim, é questionável se haveria viabilidade financeira, material e de pessoal para seguir este rumo.

Referências

ALJAZEERA. **Russia says it used hypersonic missiles in Ukraine for first time**. Aljazeera. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/19/russia-uses-advanced-hypersonic-missiles-in-ukraine-for-first-time#>. Acesso em: 27 nov. 2022.

ARABIA, Christina L.; BOWEN, A. S.; WELT, C.. **U.S. Security Assistance to Ukraine**. 2022. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF12040>. Acesso em: 27 nov. 2022.

BARDACH, Eugene. **Los Ocho Pasos para el Análisis de Políticas Públicas: Un Manual para la Práctica**. Cidade do México: CIDE, 1998.

BBC. **Ukraine conflict: Russian forces attack from three sides**. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60503037>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BOWEN, Andrew S.. **Russia's War in Ukraine: Military and Intelligence Aspects**. **Congressional Research Service**, 14 set. 2022. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47068>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard**. New York : Basic Books, 1997.

CENTER FOR STRATEGIC e INTERNATIONAL STUDIES (CSIS) – Missele Defense Project. **Kh-47M2 Kinzhal**. December 16, 2022. Disponível em: <https://missilethreat.csis.org/missile/kinzhal/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

_____. November 5, 2018 **Russian Military Reforms from Georgia to Syria**. Disponível em : <https://www.cis.org/analysis-russian-military-reforms>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CLARK, Mason; BARROS, George; STEPANENKO, Kateryna. **Russian Offensive Campaign Assessment, February 25, 2022**. Institute for the Study of War, 2022. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/sites/default/files/Russian%20Operations%20Assessments%20February%2025%202022.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CLARK, Mason; KAGAN, Fredrick W.; BARROS, George. **Russian Offensive Campaign Assessment, March 25**. Institute for the Study of War, 2022. Disponível em: <https://www.understandingwar.org/sites/default/files/Russian%20Operations%20Assessments%20March%2025.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

DALSJÖ, R.; JONSSON, M.; NORBERG, J.. **A Brutal Examination: Russian Military Capability in Light of the Ukraine War**. *Survival*, v. 64, nº 3, 2022. Disponível em : <https://www.nytimes.com/2023/01/03/world/europe/himars-rockets-us-ukraine-war.html>. Acessado em : 1º mar 2023.

GOMES, P. H. M.; ALVES, V. C.. Clausewitz, a Ciberguerra e a Guerra Russo-Georgiana. **Revista Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2020.



GOMES, Pedro Henrique Miranda. **Combustível e Capacidade estatal.**: Um Estudo comparativo do setor de Petróleo e Gás no Brasil e na Rússia. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

HIRD, K.; STEPANENKO, K.; MAPPE, G.; CLARK, M.; LAWLOR, K.; KAGAN, F.. **Russian Offensive Campaign Assessment, September 21.** Institute for the Study of War, 2022. Disponível em:

<https://www.understandingwar.org/sites/default/files/Russian%20Offensive%20Campaign%20Assessment%20September%202021.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

HOEFFLER, Catherine. Public Policy and Defense studies. In: DESCHAUX-DUTARD, Delphine (ed.). **Research Methods in Defense Studies: A multidisciplinary Overview.** New York: Routledge, 2021.

LUTTWAK, Edward. **Strategy: the logic of war and peace.** Cambridge MA: Harvard University Press, 2003.

NDTV. **Soldiers, Separatists, Sanctions: A Timeline Of The Russia-Ukraine Crisis.** NDTV. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.ndtv.com/world-news/soldiers-separatists-sanctions-a-timeline-of-the-russia-ukraine-crisis-2782377>. Acesso em: 23 nov. 2022.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION (NATO). **NATO decisions on open-door policy.** 03 abr. 2008. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/update/2008/04-april/e0403h.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PALLIN, C. V.; WESTERLUND, F.. Russia's war in Georgia: lessons and consequences. **Small Wars & Insurgencies**, v.20, n.2, 2009.

SKAK, Mette. Russian Strategic Culture: the role of today's chekisty. *Contemporary Politics*, 2016.

STAHL, Angela Caroline. **Federação Russa: Os Siloviki e a Política de Defesa (2000-2020).** 2022.146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

THE NEW YORK TIMES. A U.S.made long-range rocket system has helped give Ukraine momentum in the war. Jan 2, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/01/03/world/europe/himars-rockets-us-ukraine-war.html>. Acesso em : 03 mar 23.

THE STIMSON CENTER. HIMARS Marks Evolution in U.S Weapons Transfer to Ukraine. June 2, 2022. Disponível em : <https://www.stimson.org/2022/himars-marks-evolution-in-us-weapons-transfers-to-ukraine/>. Acesso em : 03 mar 23.

VEDUNG, Evert. Six Models of Evaluation. In: ARARAL, Eduardo; et al. **Routledge Handbook of Public Policy.** Routledge, 2013.

VOLPATO, Gilson. **Guia Prático para Redação Científica.** Botucatu : Best Writing, 2015.

*Recebido em 10.03.2023.
Publicado em 12.04.2023.*

